

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Ciras.—Editor —José da Silva Vieira Junior Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha \$5000 rs. — Com estampilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9 —Espozende.



Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Carta... de guia

Caro Vieira.

Pois fica sabendo, caro e velho amigo, que ha hoje em dia, surgida da escuma da guerra, uma elite de iconoclastas que considera elegante, de bom gosto, de bom character, o que antes era inestético, de mau gosto, e imoral. Decididamente, estamos velhos. Somos dois amigos pré-históricos. Ah! mas não creias que vá passar definitivamente de moda a correcção, a honestidade, o aprumo moral, para dar lugar á intriga, á rapina, ao subórno, á fraude, á mixórdia. Seria o acabar do mundo. Ora o mundo já tem passado por crises semelhantes e ainda não acabou. Depois de um intervalo doloroso, o que é belo e são tem voltado ao seu antigo lugar, e o que é podre e máu tem desaparecido na sua podridão e no seu nada. Esperemos, um pouco.

Fechemos os olhos ao saque que se desenrola em volta de nós, não ouçamos o clamor cada vez mais trágico dos que sucumbem, nem a gargalhada cada vez mais insolente dos que tripudiam, perdoemos á tacanhez de uns e á incontinência dos outros, tirémos respeitosa e modestamente o nosso chapéu ao magestoso impertigamento de sua excelencia o dólar que passa, e feito isto, se te não opões, vamos neste intervalo ler um soneto de Camilo, aquele soneto que o incomparável acepilhador da lingua portuguesa escreveu á morte dos filhos de Teófilo Braga, tendo com este as relações cortadas.

Teófilo era um dos três Joaquinaes que Camilo dizia trazer constantemente atravessados na garganta. Questiuñculas literarias. Tinha apenas dois filhos, já meio criados, um rapaz e uma menina. Um dia morreu o filho. Choque tremendo. Teófilo era um ateu. Em geral as altas mentalidades não se convertem. Mas o agnosticismo de Teófilo sofreu nesse passo um abalo profundo. O seu espirito maguado lançou-se para o além, para

Arte religiosa em Portugal

CORAÇÃO DE MARIA

OFRE cheio de Graças, Arca da Aliança—é Santa Virgem pura—Mãe das criancinhas e Mãe de Deus Menino;—abriu um sulco no peito dos verdadeiramente crentes e verdadeiramente piedosos.

Coração de Maria, cheio de ternura no seu altar de glória, enche as nossas almas de ventura infinda, de muita luz divina, de caridade e amor.

O mês de Maio destinou-se-lhe. *O Mês de Maria*—é o mês da poesia bucólica, irradiada das maravilhas da natureza. Há cantos celestes nas auroras matutinas...—há psalmos misticos nas tardinhas crepusculares, acompanhados das badaladas plangentes mas solenes do campanário... em honra do Divino Coração da Mulher—Virgem Santa.

Uma obra d'arte existe em Portugal sob a genérica designação de *Coração de Maria*, evocada com a maior propriedade e justiça:—é a imagem que se venera na Real Irmandade dos Pescadores de Nossa Senhora d'Assunção, da igreja da Lapa, da vila da Póvoa de Varzim, sendo a escultura—obra prima do consagrado artista João d'Afonseca Lapa.

Para ela vão todas as flores perfumadas da primavera, porque o seu trono é admirável de fé e de devoção santissima de todas as Mães Portuguezas, nas rosas e perfumes dos lares cristãos.

Porto.

Agostinho Landolt

S. Roque

Nos dias 4 e 5 do proximo Junho realiza-se em Goios, ahi ás portas da vila, a festividade e romaria de S. Roque.

Abrilhamtam o arraial a banda dos *Passarinhos*, da Póvoa, e a dos nossos Bombeiros.

«Diario Liberal»

Reapareceu este esplendido cotidiano lisbonense, que há tempos suspendêra a sua publicação a-fim-de reorganizar os seus serviços.

E', como na sua primeira série, dirigido pelo antigo parlamentar snr. dr. Evaristo de Carvalho.

Carta... de guia

o desconhecido, sabendo positivamente que nas regiões do conhecido não poderia satisfazer a sede ansiosa do seu coração de pai. Teófilo procurou um motivo de crença, e desejou ter fé. Nisto morreu-lhe a filha. Teófilo fica inteiramente desnortado e siderado, a ponto dos amigos recearem pela sua razão. Eis a tragédia íntima que Camilo traduziu em verso, e fixou em um soneto que vale um poema. Todos os versos são do tipo decassilabo heróico, exceto a ultima linha, que é decassilabo sáfico (tónicas na quarta, oitava e décima), mais leve, mais mexido, menos severo em geral que o heróico, mas, no caso presente, é esta precisamente a linha mais bela do soneto:

A' MORTE DOS FILHOS DE TEÓFILO BRAGA

Que imensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravizaram.

As mãos que o filho amado amortalharam
Erguidas buscam Deus, a Fé implora.
E o céu que respondeu?... As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora!

Depois, um pai que em trevas val sonhando,
E apalpa as sombras de quem onde os viu
Crescer, florir, morrer... Desastre infando!

Ao teu abismo, pai, não vão confortos.
E's coração que a dor empederniu,
Sepulcro vivo de dois filhos mortos!

Ha que fechar os olhos á dureza e irregularidades da forma, em homenagem á surpreendente beleza do último terceto, sobretudo da ultima linha. O pai que teve filhos e os perdeu não lê estes dois tercetos de olhos enxutos.

José de Oliveira.

Joel de Magalhães

MEDICO

CONSULTAS

Em Espozende das 9 ás 12
e em Fão das 14 ás 15
e meia horas

FIGURAS DO PASSADO

VIII

«A vida leva-a o vento...»

J. de Deus.

(Continuação)

Passarão manhoso, procura, em regra, as terras cujos habitantes costumam frequentar a sua praia. Guimarães tem dêsse visitantes ás dúzias!

Um dia, a mais de meia tarde, vieram dizer-me que estava em baixo um póveirinho muito rôto, já velho, com um barrête de oleado na cabeça, a pedir alguma coisinha para ajuda de comprar umas rêdes, pois o mar levára-lhe as que tinha!

A cantilênacostumada—disse eu com os meus botões,—os filhinhos que estão a morrer de fome, as rêdes que se perderam...

Com êste feitio muito meu e do qual muito me orgulho, nascido e creado á beira-mar, conhecendo as necessidades da vida, lembrando-me do pobre pescadôr que vive e morre patêdes-meias com a fome e a miséria, embora percebesse o *trac*, mandei-o entrar.

Surge o póveirinho anunciado.

Ao vê-lo, reconheci-o imediatamente; era o Meninô!

Não me desconcertei. Afastado há longos anos da minha terra querida, o Meninô era para mim um símbolo, era Espozende que eu estava a ver, era a minha terra, o meu ninho de infância, a vilinha encantadora que o sol beija e o mar embala!...

Mandei-o enfarpelar de alto a baixo, com roupa minha, que substituiria a *farrapagem* com que vinha coberto; lavado e feito um perálta, sentei-o á minha modesta mêza.

Côma—disse-lhe—côma e depois conversaremos um pouco a respeito da Póvoa. O Meninô, confundido com tantas amabilidades, não me conheceu.

Ainda bem. Comido e bebido, começou a palestra.

—Então tem muitos filhinhos?

—Sete, meu senhôr.

—Coitado! e perdeu as suas redinhas no mar, não é verdade?

—Perdi as rêdes e tudo.

—Tudo quê?

—As rêdes e o resto da *palamenta*.

—E' natural da Póvoa, nasceu lá?

—Sou, sou; sou mesmo filhote da Póvoa do Mar.

—A Póvoa fica perto de Espozende. Já foi a Espozende alguma vêz?

O Meninô—parece-me que estou a vê-lo—arregalou muito os olhos, abriu desmedidamente a boca, agitou-sena cadeira com certa inquietação, e disse:

—Já... já... meu senhôr, já lá fui duas vêzes *arribado*, com sardinha!

Que artista!

—Conhece lá alguêm?

—Pouca gente conheço; de vista alguma, de nome só de ouvir falar.

—Nunca ouviu por lá falar num pescadôr chamado Meninô, que mora em S. João, casado com a Engûla e que tem uma filha chamada Ana «Costureira»?

—O senhôr conhece a minha Ana?

—A sua Ana?

—Sim, meu senhôr, êsse pescadôr sou eu. Eu não sou póveiro, sou de Espozende; o Meninô sou eu. Perdê-me, meu rico senhor, eu não fiz isto por mal!... Ovi falar na minha Ana e perdi-me!... Ando a *governar* a vidinha, o mar não dá nada!... Já vejo que o meu rico senhôr é da nossa terra. Ninguêm diga onde as tem armadas. O Senhor dos Aflictos me valha!...

—Olhe, ti António: não é vergonha ser pobre, esmolar quando a fome nos bate á porta; é a triste sina do pescadôr. Vergonha é a gente negar a sua terra com o fim malicioso de enganar os outros. Por onde fôr, conte a sua vida, diga que é muito pobre, está velho e já sem forças para ir ao mar—e diz a verdade—.

Essa *cantata* dos muitos filhinhos e da perda das rêdes já por cá é muito conhecida e poucos acreditam nela. Os póveiros é que usam muito êsse estribilho e você não é póveiro, é espozendense. Vá-se com êsta. E agora que está comidinho, e vestidinho, tome lá e vá continuar a percorrer a *via-dolorosa*, em busca do pão. É a triste signa do pescadôr!

Ninguem foge ao destino!

Já na escada, ainda lhe ouvi dizer:—Ora esta, nunca tal me aconteceu.

Êste *manata* é de Espozende; de quem será?

Já não vive o Meninô. Há muitos anos já que descanca na *terra da nossa terra*. Aparência de *songa-monga*, lá foi levando a cruz ao seu Calvário com aquêla *lâbia* de que muitos costumam fazer uzo, *PRO DOMO SUA!*

Se muitas vêzes se revoltava, lá tinha as suas razões. Isto de tantos—a grande maioria—nascerem e morrerem envôltos em farrapos, cheios de fome e de miséria, é custoso de roer.

Da ultima viagem, da eterna viagem do Além, jámais voltará. Durma em paz aquêlo *póveirinho* que *perdeu as rêdes* no mar de Cristo.

«A vida leva-a o vento!...»

1933. M. V.

CRITICAS

CANTARES

por VINHA DOS SANTOS.

Vinha dos Santos, que os nossos leitores conhecem através da sua colaboração apreciada na *Estrela do Minho* é um poeta com largos recursos de imaginação que acaba de publicar o seu primeiro livrinho de versos.

São tristes e melódiosos os seus «cantares» onde ha harmonia, lirismo e singeleza:

Trovas minhas, meus cuidados,
Trovas de amor e amargura,
São riso de namoradas
Com muito pranto á mistura!

Corações são como sinos
No peito dos namorados,
Ora a toca! de alegria
Ora a dobrar a finados...

Raparigas vá de roda,
Báile agora uma por uma!
A vida é onda que rola
E quebra em rendas de espuma!

Cotovia, ao ceu radiante
Sobe a cantar, manhã calma...
Há muito quem ria e cante
Co'a noite negra na alma!

São despreziosas e simples as redondilhas de Vinha dos Santos, naquele estilo leve e gracioso com que José Castilho no seu «Sol Doente» enriqueceu o lirismo português e caracteriza-as a beleza suave de uma tristeza profunda.

Propenso á Dor o poeta ratifica deste modo o conceito filosofico de que «só a dor é positiva» neste mundo.

Daí os anseios e o amargo sabor das suas quadras.

De quando em vez reage para procurar na ironia, até onde se transporta de fugida, um esconderijo para o seu sofrimento:

«Meia-noite... Hora de amor...
Faz-se luz no quarto dela;
Entra o marido p'la porta,
Salta um vulto p'la janela»...

Mas não se encontra bem. Deslocado, logo regressa á sua dolencia fatal:

«E' tal o prazer, o gosto,
De te ver, de te encontrar,
Que ás vezes tenho desgosto
De tanto de ti gostar»...

Felicitando Vinha dos Santos, queremos agradecer-lhe o oferecimento do seu livrinho e a sua gentil dedicatória e apetecer-lhe muitas prosperidades literarias.

J. C.

(Do n.º 1930, ano 38.º, da «Estrela do Minho», de Vila Nova de Famalicão, de 26 de Março de 1933).

«CANTARES»

por Vinha dos Santos.

Cantares é um feixe de quadras singelas, simples, escritas ao sabor popular numa cuidada forma poética.

O autor mostra-se, nesta sua pequena obra, um poeta sentimental que procura de preferencia, para os seus carmes, os motivos do amôr.

Duas quadras, tiradas ao acaso dêste mimoso livrinho:

Sou o mendigo do amor
Céguinho qual ea te vejo,
Pedindo o calor duns olhos,
Pedindo a ermola dum beijo.

Tanta tristeza me invade,
E' tão negro o meu destino,
Que ás vezes tenho saudade
De quando era menino.

(Do «Comercio do Porto», de 18 de março de 1933).

«CANTARES», por Vinha dos Santos.

Um pequeno volume com pouco mais de duas dúzias de quadras de sabôr popular, sentimental e humoristico, de rima cantante e trabalhados com carinho, nos oferece o snr. Vinha dos Santos que deixa apercebêr qualidades para o genero poetico. Edição cuidada.

(Do «Primeiro de Janeiro», do Porto, do mês de março).

«CANTARES»

O nosso presado amigo e colaborador A. Vinha dos Santos, acaba de publicar um pequeno livro de versos intitulado «Cantares».

Sem ingressar nos arrojios futuristas, «Cantares» mantem-se na corrente neo-classica de reacção ás ousadias poeticas e pode considerar-se um belo ensaio de lirismo.

Espiritualista puro, o incipiente poeta, aliás verzejador facil, inicia-se num molde nem sempre facil: a quadra.

A quadra inspirada em motivos aparentemente futeis aos quais Vinha dos Santos, emprestando mimo, subtileza e graça, atinge um lirismo encantador.

Registamos o aparecimento do seu ensaio poetico com o maximo prazer, tanto mais que ainda pertencemos á falange dos que pensam que a Verdade em Arte é eterna, é imutavel.

(Do «O PIROLITO», semanário humoristico, do Porto).

Instituto de S. a Naufragos

Este humanitario instituto concedeu ultimamente medalhas e diplomas por actos de abnegação aos nossos amigos srs. Alexandre Torres, Artur Rego, Eugenio Reis e Luiz Carvalho; ao banheiro Alipio F. da Silva, ao grumete Joaquim Lopes e a Antonio M. de Andrade; a Joaquim José da Silva e Manuel Donas, e aos maritimos Manuel da Silva Loureiro, José da Costa Terra, José de Barros, Abilio Nunes Novo, Benjamim Eiras, M. Barbosa Guerra, José Viana, João Pereira, Torcato de Barros, Luis Guerra, Leonel da Silva Loureiro e José Lemos.

PROVIDENCIAS

Ha bastante tempo que alguns dos nossos assinantes do Rio de Janeiro se vêm queixando de irregularidades na entrega do nosso jornal.

Não sabemos de onde provenha essa falta, pois o nosso jornal é enviado com a maior regularidade, com cintas impressas e com todos os precalços a bem chegar ao seu destino.

Não obstante, as queixas são frequentes.

Para o caso pedimos a atenção dos sr.s a quem o dever impõe o bom serviço do expediente.

Aos nossos bondosos assinantes pedimos desculpa dessas irregularidades, que muito nos contrariam e aborrecem.

Assim como nós exigimos a paga do nosso semanário, em dia e a tempo, igual direito cabe aos nossos subscritores de além-mar, que, ávidos de saber notícias da sua Patria, têm direito a que lhes seja entregue regularmente o nosso jornal.

Que se providencie, portanto, sobre o caso.

VILA CHÃ, 15-5-1933.

Um importante desafio entre o Primavera Sport Club grupo local e o «Forjães Sport Club»

Realizou-se no domingo passado este desafio, tendo terminado o tempo regulamentar com um empate de 1 a 1.

O grupo de Forjães, na véspera, tinha afirmado que a vitória lhes caberia por 5-0 e nessa esperança trouxeram meia dúzia de fogo para ser queimado no final do desafio com a vitória já segura como esperavam.

Enganaram-se desta vez e o fogo ficará para ocasião mais feliz.

Nunca façam festa a santo sem o ter convidado para sair no andor.

O guarda-redes do «Primavera» esteve numa tarde feliz, o que contribuiu bastante para que o seu grupo não sofresse derrota. Albino, Vinhas, Carlos, Augusto e Matias agradaram; a arbitragem do primeiro tempo foi feita por Baltazar e foi muito correcta.

No segundo tempo foi feita por um individuo que nos dizem ser de Antas, tendo a assistencia, que era numerosa, protestado contra a arbitragem.

No decorrer do jogo deram-se dois incidentes—um porque um assistente quiz tomar para si as atribuições do arbitro e ainda uma outra porque o grupo visitante achou que ficou prejudicado no minuto—isto é, a as-

sistencia fez terminar o segundo tempo sem o respectivo sinal do arbitro.

Resultado: No principio do segundo tempo o arbitro apitou e todos os rapazes ficaram em conversa só começando o jogo um minuto depois.

Ora, parece-nos que eles poderiam ter gasto todo o tempo em conversa se assim o entendessem. Que os grupos locais continuem os seus treinos a fim de poderem enfrentar-se com alguns grupos de aldeias, são os nossos desejos.

Esses treinos ou mesmo desafios nunca deveriam realizar-se nas horas em que na igreja paroquial se realizem os actos do culto, pois o dia chega para tudo e assim a assistencia será mais numerosa. M. A. S.

Posse

Já tomou posse do cargo de aspirante de Finanças em Mondim de Basto, para onde a seu pedido fôra transferido, o nosso amigo e conterrâneo sr. João José Garcia de Freitas.

Para o Hospital

O estimado capitalista de Gandra, sr. Manuel de Sá Pereira, fez o donativo de 200.000 escudos ao nosso hospital, com o fim de atenuar a falta de recursos com que está lutando aquela casa de caridade.

Actos destes dispensam referencias elogiosas a quem os pratica.

Que o seu gesto benemerente tenha muitos imitadores.

E bem haja por isso.

Valentim Viana

Constituiu uma grande manifestação de pesar o funeral deste nosso amigo e querido conterrâneo.

Acompanharam o seu cadaver ao cemiterio municipal muitos dos seus amigos e muitas pessoas de todas as categorias sociais.

Muitas corporações da vila tomaram parte tambem, assim como o Club Fluvial e a Santa Casa da Misericordia, da qual era confrade.

Do saudoso morto, que era devotadissimo pela sua terra, um bairrista ás direitas e um excelente character, ouvimos a um dos mesarios que vieram representar a Ordem do Carmo, do Porto, e de cujo Hospital fôra fiel, referir-se-lhe da seguinte maneira: —«Era um bom empregado; muito sério e cumpridor dos seus deveres. Deixa-nos imensa, imperecível saudade!»

O féretro, conduzido na viatura automovel dos B. Voluntarios, ia coberto de muitas co-

roas e ramos de flores naturais.

Reiteramos a todos os seus os nossos sinceros pêsames.

Novos colaboradores

Do Porto, e por intermedio do nosso amigo e solícito colaborador sr. Vinha dos Santos, conta *O Espozendense*, d'ora avante, com mais dois colaboradores.

Segundo sua promessa, brevemente encetarão a publicação de varias produções literarias neste jornal.

Aos nossos novos colaboradores e ao nosso bom amigo Vinha dos Santos, os nossos agradecimentos.

Manuel Boaventura

Tivemos o prazer de abraçar, nesta redacção, este nosso velho amigo, apreciavel escritor e digno Inspector-Chefe da região escolar de Braga.

Irmãos Sameiro

Estes ilustres *sportsmen* alcançaram uma vitória brilhantissima em Lisboa, vencendo o *III Circuito do Cumpo Grande*, realizado no preterito domingo.

Braga prestou-lhes uma homenagem condigna no regresso àquela cidade.

Os que viajam

Acompanhado de sua esposa, ausentou-se para Caldelas, a fim de passar a época ternal na sua quinta, o nosso presado amigo e assinante sr. Lourenço da Costa Leitão.

Vila-Chã, 18-5-1933

Nos dias 24 e 25 do corrente, terá lugar nesta freguezia a tradicional festa de N. Senhora do Livramento, a que costumam affluir muitos devotos. Tomarão parte nela o popular grupo dos Zês Pereiras e a banda de musica de Vilar do Monte, que com os seus harmoniosos acordes deliciará os ouvidos dos forasteiros. Está encarregado dos sermões, o nosso amigo sr. Reitor das Marinhãs, apostolico orador, conhecido em quasi todos os pulpitos do nosso Minho.

Rematará com uma bem organizada procissão, para cujo brilhantismo muito se tem empenhado o tesoureiro, nosso amigo Silvestre Barbosa Baltazar.

—Consociaram-se na semana passada, os jovens José Gonçalves Neiva, do lugar de Casas e Rosa Fernandes da Costa, do lugar do Sobreiro. Desejamos-lhes muitas venturas.

—Vitima de um desastre, morreu a menina Rosa, de tres anos, filha dos sr.s António Afonso e Belmira Ferreira (Crêspo).

O desastre deu-se quando ela brincava no quintal da casa; caiu um esteio, que se encontrava mal seguro, apanhando-a pela espinha dorsal, dando-lhe morte instantanea.

O enterro foi muito concorrido.

Aos desolados paes os nossos sentimentos.

—Fomos em passeio outro dia pela nova estrada de S. Lourenço e ficamos admirados com o adeantado das obras. Dentro de poucos meses estará ligada à estrada municipal. Quem segue na estrada desfruta um panorama encantador, podendo a vista alongar-se para Fão, Povoas, Porto, etc. C.

Emilio de Figueiredo

A este estudioso e culto barcelinense e nosso velho e querido amigo, que há anos demora em S. Paulo, (Brazil) onde é contabilista e perito judicial de reconhecidos merecimentos, foi conferido pelo Govêrno Francês e respectivo ministerio da Instrução Pública e das Belas Artes o título de Oficial da Academia, por serviços prestados á instrução professional.

Pela honra concedida a Emilio de Figueiredo efusivamente o cumprimentamos e felicitamos com um affectuoso abraço.

A manutenção dum jornal depende do pontual pagamento da assinatura.

«Voz das Colonias»

Recebemos a gentileza da visita deste novo colega de Lisboa que, como do titulo se desprende, se propõe defender e pugnar pelos interesses dos coloniais.

Apresenta-se superiormente redigido.

Saudações e votos de longa e próspera existencia.

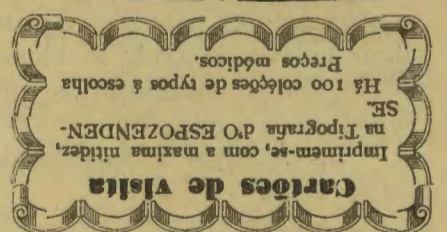
«A Ordem»

Entrou no seu 21.º aniversário de publicação este esplendido semanário católico do Porto, que ardorosamente vem espalhando as boas e sãs doutrinas e difundindo muita luz nos espiritos.

Ao seu ilustre director, e a todos quantos nele cooperam, felicitamos cordialmente com os melhores votos da sua longa e util existencia e de muitas prosperidades.

Escritos

Não se publicam escritos, sejam ou não de responsabilidade, se não vierem assinados.



PUBLICAÇÕES

«Ribatejo»

Fomos agradavelmente mimoseados com mais um numero que acaba de ser publicado, o 10.º, desta importantissima obra descritiva, original do notavel escritor sr. Francisco Cancio, nosso presado colega da «Vida Ribatejana», que desde ha muito se vem publicando em Vila Franca de Xira, com colaboração de escritores de grande nomeada.

Este fasciculo consta de 2 fo-

lhas de 16 paginas cada uma, com uma linda foto gravura representando as cascatas de Perne e outras intercaladas no texto que muito realce dá à publicação.

Este fasciculo vae de paginas 289 a 320, impresso em magnifico papel, custando a obra completa 55000, compondo-se o seu texto de 10 capitulos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu autor, Avenida da Republica, 78, — A, 1.º — Lisboa.

Ao seu autor agradecemos o mimo da remessa.

No proximo n.º daremos anuncio desta obra.

«O Concelho do Cartaxo»

Em nosso poder uma linda plaqueta, que constitue o n.º 4 de uma nova publicação do Cartaxo, que se propõe propagandar aquela região, sob a direcção do sr. Julio Nunes da Cunha, tendo como redactor o sr. David Coelho de Araujo, ambos sobejamente conhecidos nas letras.

Agradecemos o mimo da oferta; e para não ficarmos com tão apreciavel colleção truncada pedimos ao illustre colega a subida fineza da remessa dos 3 n.ºs primeiros, o que agradecemos.

«Portugal Avicola»

Foi-nos enviado o n.º 5 desta revista mensal, ilustrada, que se dedica á agricultura zootecnica, se publica em Lisboa e é propriedade da Corporação Mercantil Portugueza, Limitada, com sede na rua Augusta n.º 220, 2.º — Lisboa.

E' uma revista de grande utilidade, ministrando conhecimentos que muito interessam a todos.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a aquisição desta publicação, onde se adquirem muitos conhecimentos indispensaveis á avicultura.

Agradecemos a amabilidade da permuta.

«El Maestro Ibarra»

De Espanha, da importantissima Casa Richard Gans, ha muitos anos estabelecida em Madrid, recebemos numa luxuosa encadernação uma brilhante homenagem da Casa Gans ao seu illustre impressor, sr. Joaquim de Ibarra, ao celebra-se as bodas de ouro de tão illustre obreiro.

E' um trabalho de impressão muito delicado que honra as oficinas daquela casa, que prima sempre no aperfeiçoamento da arte de Gutemberg, tanto nos tipos escolhidos, que emprega, como no ottimo papel onde es-

tampa gravuras de uma perfeição que encanta a vista.

O exemplar contém 94 paginas de texto com uma linda capa em couro azul e letras a ouro.

A' direcção da Casa Richard Gans, a mais importante casa de tipos de imprensa, o nosso mais profundo reconhecimento pela remessa gentil que nos fez da homenagem prestada a um dos seus mais inteligentes artistas.

Revista do Instituto de Café do Estado de S. Paulo

Acusamos recebido o n.º 73, desta revista, ano VIII, pertencente a Janeiro, cujo sumario é o seguinte:

A nova directoria do Instituto do Café. Contribuição para o estudo do café torrado — «Juvenal M. de Gódy», e Felisberto P. de Oliveira. — O consumo do Café Santos em França — «Alípio Dutra». — Produção, commercio e consumo de café no mundo. — Os empréstimos bancarios no Brazil — J. B. de S. Ainaral. — O cooperativismo e a Expansão do consumo do café — P. de Lima Cordeira. — A lavoura e o governo. — Syndicalização da lavoura cafeeira. — Aos lavradores paulistas — «Mucio Whitaker». — Comunicados do Instituto de Café á imprensa. — Conclusões finais do relato e da comissãõ nomeada para sindicacia no Instituto do Café.

«Portucale»

Mais um número acaba de ser distribuido desta importante revista ilustrada de cultura litteraria, scientifica e artistica, que há 5 anos se vem publicando no Porto, sob a direcção intelligente dos snrs dr.s Claudio Basto e Pedro Victorino, e de que foi fundador o sr. Augusto Martins, ha tempos falecido, que deixou nas paginas desta revista relevantes trabalhos de sua cultura.

Este n.º gora distribuido é o 31, o 1.º com que abre o 6.º volume, correspondente a Janeiro e Fevereiro do corrente ano.

Para ilucidación dos nossos leitores passamos a transcrever o sumário deste n.º:

Coleção de Provérbios (Séc. XVI XVIII) por J. Leite de Vasconcelos.

O Porto desde S. João-da-Foz — Desenho de J. Holland e gravura de S. Bradshaw.

As vindimas — poesia por Fausto Guedes Teixeira.

Metempsicoses dum derrotado [Ensaio de intuspecção] — por Carlos Parreira.

Inéditos & autógrafos: Carta de Gonçalves Crespo (com gravura) — por Silva Bastos.

Dialecto Caboverdeño — Noções elementares — por Pedro Cardoso.

Morna — Já m' crebho! — poesia por Eugénio Tavares.

*A Florinda de Buarcos. — Quadro a oleo por João Reis.

Contas policômicas de pasta vitrea (com gravura) por F. Alves Pereira.

Vária: Biblioteca Portuense (1833-1933) [com gravura] — por Pedro Victorino; ranoia-ma (Experiencia pedagógica com o esperanto) — pela redacção.

In Memoriam: Artur Loureiro (com gravura) por Pedro Victorino.

Bibliografia (nacional e estrangeira) — por Alberto Bessa e Redacção.

Indices de livros (Catálogos e Bibliografias). Novidades (em Portugal e fora de Portugal).

Res & Verba: Portucale; Exposições de Arte; Museu Nacional de «Sores dos Reis»; «Portucale» na Imprensa; Museu do Porto.

Ao nosso velho amigo snr. Dr. Claudio Basto e a Pedro Victorino, o nosso agradecimento por mais este numero da sua

apreciavel revista.

Redacção e administração, rua dos Martires da Liberdade, 174 a 178, Porto.

«Boletim dos diabeticos Pobres»

Foi-nos enviado o n.º 3 desta publicação que a Direcção da Associação Protectora do Diabeticos Pobres fez distribuir ao publico portuguez, gratuitamente, com o fim de propaganda e protecção aos seus protegidos.

Agradecemos o exemplar.

Diversas:

Temos presente o n.º 5, ano IX, pertencente a Maio, da linda publicação portuense, *Raio de Sol*, que se publica mensalmente. Este n.º é todo dedicado ás familias.

— O n.º 86, ano 3.º, de *O Contribuinte*, defensor e guia do contribuinte, que se publica na capital nos dias 5, 15 e 25 de cada mês, sob a conspiciua direcção do snr. Alberto Carrapatoso. O seu custo é de 1 escudo cada n.º ou 36 escudos por ano.

— O n.º 4, ano XXVI, do *Boletim Mensal*, orgão da Ordem Terceira das Missões Franciscanas Portuguezas, cuja publicação se faz em Braga. Este n.º é pertencente a Abril. O custo da sua assinatura é de 10 escudos ao ano.

EDITAL

N.º 32
Manuel Martins de Sá Pereira, Vice-Presidente servindo de Presidente da Comissãõ Administrativa da Câmara Municipal de Espozende:

Faço saber que na secretaria desta Câmara se acha patente para efeitos de reclamações, até ao dia 20 de Maio deste ano, o mapa de lançamento do imposto de trabalho, referente ao ano de 1932-1933.

Até essa data qualquer interessado pode apresentar a sua reclamação, escrita em papel selado, a fim de:

1.º Se corrigirem quaisquer erros nas designações e moradas;

2.º Se incluírem ou excluïrem contribuintes indevidamente excluïdos ou incluídos;

3.º Se rectificarem erros na applicação das taxas.

Os reclamantes devem fundamentar as suas reclamações e juntar os duplicados de quaisquer declarações apresentadas na secretaria da Câmara para efeitos de correcção do referido mapa.

Para conhecimento geral se publica o presente e identicos, que vão ser afixados nos lugares de todo o concelho.

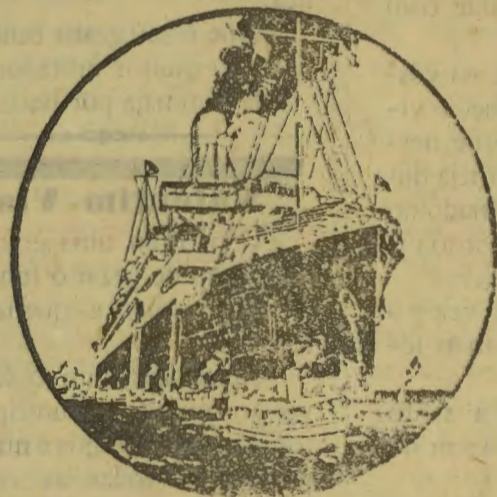
Em, José Augusto de Almeida Abreu, chefe da secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 1 de Maio de 1933.

O Vice Presidente da Camara, servindo de Presidente.

Manuel Martins de Sá Pereira

MALAREAL INGLEZA



Paquetes correios a sahir de Leixões

Deseado em 20 de Junho para Rio de Janeiro Monteviden e Buenos-Ayres

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

HIGHLAND PATRIOT em 17 de Maio para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro Santos Monteviden e Buenos-Ayres

ASTURIAS em 23 de Maio para a Madeira, Baia, Rio de Janeiro, Santos Monteviden e Buenos Aires. Ayres

Highland Monarch em 31 de Maio, para Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos.

Almanzor em 6 de Junho para S. Vicente (C. V.) Pernambuco, Baia, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos Aires.

Highland Chieftain em 14 de Junho para Las Palmas, Pernambuco Rio de Janeiro Santos, Monteviden e Buenos Aires.

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE. — PORTO
ou aos seus correspondentes nas provincias.